



EXCLUSIVO



Andreas Kisser, Paulo Jr., Max e Igor Cavaleira se juntaram aos índios da tribo Xavante para gravar uma das faixas do novo disco do Sepultura, *Roots*, que estará nas lojas a partir da próxima semana

Sepultura tenta fusão de tribos

Fernando Naporano
 Especial para o Correio

Londres — Chega às lojas de todo o mundo (inclusive do Brasil) na próxima segunda-feira *Roots*, o sexto álbum do Sepultura. O expoente do **thrash metal**, que (quase) sepultou Megadeths e Metallicas, traz muitas novidades. Entre elas, tons conceituais, fusões de metal com *world music* e participações de Mike Patton (Faith No More), DJ Lethal (House Of Pain), Johnathan Davies (Korn), Carlinhos Brown e a tribo dos índios Xavantes.

A idéia de colorir seu poderosíssimo som com vinhetas de raízes brasileiras deve repercutir bem em nível internacional, mas é importante questionar até que ponto os fãs de *heavy* no Brasil — naturalmente radicais — vão suportar a infiltração do papa da timbalada. Talvez role aquela conversa de que “o Sepultura se vendeu aos modismos da nova MPB.”

Entretanto, o vocalista Max Cavaleira explica que “a evolução deste álbum foi diferente de todos os outros porque antes não havia uma pauta ou um conceito nos álbuns.” Ele achou “importante mesclar elementos brasileiro no som do Sepultura e acrescenta que “*Roots* (Raízes) foi o melhor título para representar

esse conceito.”

O álbum foi produzido pelo novato Ross Robinson, que produziu o Korn. Quanto à participação de músicos de tendências diferentes, Max tira de letra qualquer ranço ao dizer: “Ross nos apelidou de *jam band* porque nós podemos fazer um som com qualquer um e nunca tivemos problema de nos comunicar com outros músicos.”

Em termos de letras, Max se encarrega de esclarecer as mudanças: “Desta vez quis mostrar algumas partes do Brasil que são artísticas, ao invés de canções sobre moleques de rua e corrupção governamental. Agora, estamos mostrando os índios e as raízes africanas numa concepção artística.”

Mas não nega que “há também temas políticos no álbum”, mas alerta, que “quando uma banda se torna militante, confunde as pessoas e as intenções se tornam embaraçadas.” A ordem do dia é “combinar a nossa música com as raízes da música brasileira”.

Quanto ao resultado, segundo suas palavras no informativo distribuído à imprensa, foi “ótimo explorar e constantemente nos forçar para criar novos sons. Este é o jeito do Sepultura fazer as coisas.”

CURIOSIDADES DO NOVO DISCO



Igor e Brown, nas gravações

- A faixa *Itsári* foi gravada ao vivo no Mato Grosso, sem overdubs. Max e Andreas tocam violão; Igor, timbau; Paulo, timbau grande e cinquenta Xavantes cantam e dançam, batendo o pé no ritmo da música.
- *Ambush* foi inspirada no livro *Fronteiras de Sangue*, a história do líder seringueiro Chico Mendes.
- Mais de quinze diferentes instrumentos

- de percussão são usados no disco.
- A canção *Dictatorship*, que encerra o disco, é dedicada ao grupo político Tortura Nunca Mais.
- Em *Ratamahatta*, com trechos de letra em português, o grupo homenageia Lampião e Zé do Caixão.
- A faixa *Cut Throat* é uma espécie de manifesto contra as manipulações perniciosas da indústria fonográfica.

Ênfase nas raízes brasileiras

A mescla da cultura popular brasileira com **thrash metal** possui um caráter inovador e a interpretação cabe a cada ouvinte. Mas, cabe frisar que o conceito de explorar a **world music** e adequá-la a outras tendências exige conhecimento de causa. No caso do Sepultura, não pense que se trata de uma *caetanave* metálica ou que seu poderoso som foi adulterado.

A competência e a fidelidade aos formatos mais pesados possíveis ainda está presente e a todo vapor. As nuances de raízes brasileiras, como por exemplo na faixa *Attitude*, onde Max faz uma introdução de berimbau, ou em *Born Stuborn*, com o enxertamento de uivos tribais no final e em *Ambush*, com colagens

percussivas, soam mais como décor ou vinhetas do que uma elocubrada fusão.

A tal fusão realmente acontece em *Ratamahatta*, onde ao lado de Carlinhos Brown criaram uma verdadeira **ragga-metal** e em *Breed Apart*, onde a violência do **thrash** é perfurada por batucadas *afro-olodumzescas*.

Já a acústica e **ultra-root** *Itsári* é propriamente o cântico da cerimônia de curandeirismo dos Xavantes. Há também *Jasco*, um interlúdio caipira-classicista instrumental do guitarrista Andreas Kisser, algo como um elo entre Egberto Gismonti e Yngwie Malmsteen.

No final, aparece uma faixa-bônus de 13 minutos e 16 segundos constituída apenas de experimentais digressões percussivas.